DO TRABALHO AO BAR: estudos sobre a marginalidade na obra literária "Factótum"

MARCUS VINICIUS SANTANA LIMA

Introdução

O propósito maior deste artigo é realizar uma análise do romance "Factótum" do literato Charles Bukowski, escrito em 1975. Nascido na Alemanha, esse escritor foi levado aos Estados Unidos ainda criança, onde viveria até o ano de sua morte em 1994. Escalamos esse autor para o desenvolvimento deste trabalho porque sua obra literária foi construída em torno de personagens ditos marginais inseridos na sociedade moderna dos E.U.A, na segunda metade do século XX.

A feição que define tais personagens nos chamou a atenção, na medida em que Bukowski constrói a partir de sua trama vidas à margem das instituições de poder cuja principal característica encontra-se na brutalidade dos empregos informais ou subalternos e no prazer desencadeado nos bares norte-americanos. Indivíduos quase sempre pressionados em condições de subsistência é o mote da(s) história(s) que o escritor estado-unidense cria, dando-lhes voz ao construir diálogos e narrações fictícias que tornam os referidos indivíduos em personagens centrais de seus livros, ao passo que, saem da omissão do mundo real, onde não conseguem se reconhecer dentro de espaços físicos e simbólicos mais amplos, para entrarem no núcleo central de inspiração de Charles Bukowski.

Esta observação encontra um profundo paralelo com a teoria da História e o ofício do historiador, pois, para nós, o tema da marginalidade social enquanto categoria social, assim como os sujeitos marginais, ainda carece de maior atenção por parte dos historiadores e mais pesquisas na área da História. Esta constatação nos leva para outro

dilema a ser resolvido com alguma dificuldade. Trata-se da maneira como pretendemos nos apropriar do texto literário de Charles Bukowski para pensarmos a categoria social acima descrita. Optamos por tentar descortinar os elementos que forjam o cotidiano dos personagens, dando a ver a possibilidade de traçar ou esquematizar uma identidade social para eles.

Essa investigação que resume, de maneira geral, o objetivo deste artigo pressupôs uma aproximação mais que parcial com a literatura e suas correntes teóricas a fim de criar condições metodológicas para análise do tema e forma desenvolvidos por Bukowski na criação de sua arte.

Acreditamos, portanto, que uma boa leitura de Factótum, procurando perceber sua *plurivocidade*[1] poderá auxiliar o historiador a pensar, ou mesmo, pluralizar o conceito de sujeito histórico e, por conseguinte, diversificar o ofício do historiador.

Nas páginas seguintes trataremos da relação entre História e a Literatura, apontando os caminhos teóricos e metodológicos a serem perseguidos pelos que desejam o trato com fonte literária; no momento seguinte, procederemos a uma análise de trechos do romance estudado apontando questões que sejam relevantes para se pensar a marginalidade social em suas ramificações. Concluiremos com uma perspectiva de nossa pesquisa, levantando problemas a serem solucionados em outras etapas de nossa investigação histórica.

A(s) teoria(s) da História na modernidade

O século XX mostrou aos interessados em História que ela mesma possui uma história. O esforço em redefini-la amiúde engendrou novas perspectivas teóricas motivadas por diversos aspectos. Entre eles, o interesse em pontuar novos objetos de estudo. Essa inovação trouxe consigo a necessidade de repensar a metodologia do historiador como elemento fundamental para se conseguir a pretendida mudança de postura. E, uma vez mudado o objeto de estudo e a metodologia para tal, surgiram

[1] Termo utilizado por Walter Benjamim para designar os vários sentidos presentes em um texto literário.

novas tendências e fundamentações teóricas acerca do papel da História na academia e na sociedade.

As universidades, sobretudo as ocidentais, borbulhavam de debates que refletiam as novidades teórico-metodológicas do século passado; congregavam em seus leitos diferentes texturas que reafirmavam ou repensavam antigos e novos problemas epistemológicos; inauguravam-se grupos de estudos; protestava-se a superação ou reavaliação de fórmulas consagradas. Sofreu com isso o positivismo histórico que dificilmente acompanhou a expansão de seus críticos; o marxismo viu-se abalado para depois fecundar um viés cultural de sua abordagem capaz de lançar-lhe novamente ao prestígio acadêmico; sua análise econômica arrefeceu-se, continuando a sobreviver em estudos de caráter conjuntural.

No entanto, o que afetou profundamente a prática historiográfica nas últimas décadas de produção acadêmica foi o desenvolvimento teórico e metodológico da escola dos Annales. Os escritos de Marc Bloch e Lucien Febvre já haviam sacudido o ambiente universitário ao apresentarem novas interrogações para o ofício do historiador tais como o alargamento das fontes historiográficas, dissociando-as unicamente dos documentos oficiais e encaixando-as, por exemplo, nas imagens, nos objetos pessoais, em utensílios de uso geral, e tudo que caracterizasse um vestígio de tempos remotos.

Outra inovação baseava-se no privilégio do problema na análise histórica. Esta novidade consistia em atribuir importância ao ato de problematizar o objeto de estudo como ponto de partida para a observação histórica desenvolvida pelo historiador em suas respectivas pesquisas.

A postura assumida por esses dois historiadores proporcionou a elaboração de outros estudos que articulavam os pressupostos da escola dos Annales com mais inovações no campo do saber e da pesquisa. Assistiu-se, portanto, a uma evolução do pensamento histórico que abriu espaço para o que se convencionou denominar de Nova História.

A Nova História, por sua vez, herdou o ônus de dar respostas a uma enormidade de questões que se apresentavam como novas e precisavam ser contempladas. Estava aí o problema da legitimidade da História, uma vez abandonado muitos dos conceitos

precedentes. A maneira como se deveriam trabalhar as novas fontes traduziu-se em esforços intelectuais de todas as ordens que ia desde a consideração daquilo que era fonte primária ou secundária até a própria aceitação destas no conjunto dos novos paradigmas metodológicos.

Com tantos problemas a serem enfrentados e sob diferentes olhares, era compreensível que a História continuasse a se desbravar, concentrando dentro de si até os dias de hoje uma pluralidade de teorias e elucubrações sobre o seu fazer. Entre as mais recentes encontra-se a relação da História com a Literatura.

Portanto, no final do último século a Literatura foi apropriada pelos historiadores de maneira mais intensa por aquilo que passou a significar no trabalho do historiador. Esse significado dividiu-se, basicamente, em dois sentidos. O primeiro diz respeito à sua semelhança com a História nos seus respectivos objetivos. Tanto o literato quanto o historiador pretendem reunir elementos discursivos em suas narrativas que convençam seus leitores. Articulam seus respectivos textos a partir do uso da retórica, produzindo um corpo textual que deverá transmitir a sensação de verdade sobre aquilo a que se reportam. Semelhantes, dizemos, pois o historiador está preocupado com a colocação da verdade enquanto objetivo de sua escrita. Pesquisa para provar suas hipóteses e tem o dever devolvê-las para a academia como afirmações plausíveis. Diferentemente, o autor ficcional não tem compromisso com a verdade. Até mesmo poderá fugir dela. É bem verdade que suas histórias serão criadas a partir de suas sensações sobre o mundo em que vive, mas, a recorrência ao uso da metáfora e metonímia, por exemplo, para transcrever tais sensações causará uma distância em relação ao mundo material. Para reforçar o que temos dito, Pesavento (2006) nos fala que:

> *A história é um romance verdadeiro, disse o iconoclasta Paul Veyne no início da década de 1970. Verdadeiro porque aconteceu, mas romance porque cabe ao historiador explicar o como. E, nesta instância, na urdidura do texto e da argumentação, na seleção dos argumentos e das próprias marcas do passado erigidas em fontes é que se coloca a atuação ficcional do historiador. Como diz Jans Robert Jauss, o historiador faz sempre uma ficção perspectivista da história. Não há só um 'recolhimento do passado' nos arquivos. A história é sempre construção de uma experiência, que reconstrói uma temporalidade e a transpõe em narrativa. Chamamos a isto de estetização da História, ou seja, a colocação em ficção – ou narrativização – da experiência da história.*[2]

[2] PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha nova história. In: COSTA, Clévia

Percebemos, pois, que este primeiro sentido da relação entre História e Literatura pertence ao plano discursivo das duas áreas, evocando semelhanças e diferenças que multiplicam o debate acerca deste relacionamento, propiciando, por sua vez, o diálogo contínuo e inacabável entre elas.

Cabe dizer, agora, que o que a literatura não é, ou seja, realidade, pode se transformar, sem muito espanto, em fonte de pesquisa ou objeto de estudo da História. Essa assertiva é o que chamamos de segundo sentido da relação entre a História e Literatura. Trata-se, da profunda apropriação do historiador sobre a narrativa ficcional, levando-a a um patamar especial da prática historiográfica. Esta especialidade traduz-se na constante discussão nos últimos anos sobre a utilidade da Literatura para se pensar temas novos da historiografia. Citamos, a título de exemplo, o conceito de imaginário social. Estudos que tinham ou tem o imaginário social como problematização de suas investigações mostram que os elementos constitutivos do plano imaterial de uma sociedade, ou seja, o espaço das idéias, dos pensamentos, das sensações, da subjetividade pode sugerir aspectos característicos de um determinado contexto histórico.

Em outras palavras, a Literatura pode, a partir das características físicas e psicológicas que constituem seus personagens, sugerir indícios e traços de comportamentos, desejos e emoções, presentes na vida cotidiana de uma época. Estas personagens, enquanto possibilidades no texto ficcional daquilo que não foram de fato na realidade, poderá fazer emergir, se interrogado pelo historiador, vestígios históricos de um passado irrecuperável, principalmente, sobre suas representações na vida íntima de cada indivíduo ou de grupos sociais contemporâneos a este mesmo passado.

É bastante elucidativa para nós uma passagem de Kothe (1976):

> *Benjamin insiste também muitas vezes na idéia de que a literatura é uma historiografia inconsciente. As obras literárias, mesmo não pretendendo ser é não sendo um mero registro histórico, acabam sendo também uma historiografia inoficial. Na medida mesma em que não querem ser documento, seu caráter autônomo lhes permite uma liberdade de registro e transmissão que escapa à historiografia oficial, comprometida com as omissões, cortes e deformações que as relações de produção lhe impõem.*[3]

Botelho da, MACHADO, Maria Clara Tomas. (Org.). *História e Literatura: Identidades e Fronteiras*. Uberlândia: EDUFU, 2006.

[3] KOTHE, Flávio. *Para ler Benjamim*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

Assim, o romance Factótum nos aparece como uma possibilidade de se pensar uma possível identidade para os indivíduos marginalizados na sociedade moderna, uma vez que enxergamos no livro elementos constitutivos de um cotidiano real e diferenciado em relação a outros grupos sociais.

Falamos em identidade na condição de possibilidade, pois, partimos do pressuposto de que o termo identidade pode, em alguns casos, representar uma homogeneização descabida, na medida em que não leva em conta fatores diferenciais pulsantes no interior de um grupo, classe ou categoria social. O grupo que elegemos para nosso artigo encaixa-se nesse tipo de consideração, para tanto, os elementos constitutivos acima descritos e por nós estudados implicará mais em estabelecer conexões entre os sujeitos marginais do que condicioná-los em um modelo de reconhecimento mútuo.

A Marginalidade entre a História e Literatura

Charles Bukowski optou por escrever "Factótum" em uma narrativa na primeira pessoa do singular. A narração é feita por um personagem principal a que se chama de Henry Chinaski. O enredo desenvolve-se a partir das motivações do personagem em deslocar-se freqüentemente entre cidades e estados norte-americanos sem necessariamente apresentar para os leitores as causas fundamentais de tais deslocamentos:

> *Cheguei a Nova Orleans às cinco da manhã, debaixo de chuva. Sentei-me nas proximidades da rodoviária por um tempo, mas as pessoas me deprimiam de tal maneira que peguei minha mala, enfrentei a chuva e comecei a andar. Não sabia onde ficava as pensões, qual a localização do bairro pobre (...) Bem, era uma nova cidade. Talvez eu tivesse sorte.*[4] *(2007. pg 9).*

[4] BUKOWSKI, Charles. *Factótum.* Tradução Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2007, p. 9.

Como um andarilho que percorre ruas avulsas sempre à procura do prazer alcoólico, Henry Chinaski encontra-se, propositadamente ou não, com pessoas cujas vidas são levadas de maneira semelhante à dele. Os espaços para esses encontros, normalmente, serão bares sujos ou locais de trabalho em que o ofício despende muita força humana e lhes rendem pouca compensação financeira.

É importante fazer esse recorte espacial, pois, esses ambientes são caracterizados pela participação intensiva de indivíduos pobres cuja formação social lhes impede, geralmente, de conquistarem trabalhos mais vantajosos e cujo baixo poder aquisitivo lhes limitam os lugares de lazer.

O personagem principal, então, transitará por esses dois espaços de modo freqüente, descrevendo com riqueza de detalhes as condições que ensejavam sua permanência provisória, mas repetitiva em tais locais. É salutar observar que o caráter provisório dos trabalhos que são arranjados por Henry Chinaski decorre de sua tendência a não submeter-se aos padrões e valores que regem as relações de trabalho na sociedade moderna. É ilustrativo para essa observação, quando Chinaski descreve sua experiência em uma empresa que distribui revistas para a cidade e outras localidades:

> *Era uma distribuidora de revistas, e ficávamos na mesa de expedição, verificando se os pedidos coincidiam em quantidade com o que estava marcado nas faturas. Então assinávamos a fatura e empacotávamos o pedido para remessas intermunicipais, ou separávamos as revistas para que fossem distribuídas pelo caminhão de entrega local. O trabalho era fácil e monótono, mas os empregados estavam sempre num constante estado de tensão. Estavam preocupados com seus empregos. Havia uma mistura de jovens e mulheres, e não parecia haver nenhum tipo de fiscal. Depois de várias horas, começou uma discussão entre duas das mulheres. Era algo sobre as revistas. Enquanto empacotávamos revistinhas, alguma coisa deu errado do outro lado da mesa. Com o progresso do bate-boca, as mulheres foram se tornando violentas.*[5] *(2007.pg.13)*

Como dissemos no capítulo anterior, a analise de um momento literário como este pode nos servir para verificar as relações de trabalho oriundas do processo de industrialização que se reforçam no período pós-II Guerra Mundial, como também evidencia o tipo de trabalhador empregado e a relação entre eles durante o tempo de trabalho. Embora, o romance apresente-se nos E.U.A, é sabido que os padrões de

[5] BUKOWSKI, Charles, Op. cit., p.13.

modernidade procuram homogeneizar todas as sociedades que a recebem em seus mais sorrateiros níveis de atuação.

O que nos interessa, portanto, é observar com cuidado os detalhes apresentados pelo personagem principal sobre os empregos informais a que se submete, procurando conhecer as condições estruturais de cada trabalho e sua influência na vida cotidiana do personagem. Tendo chegado a Nova Iorque, Henry Chinaski menciona sobre seu primeiro trabalho na nova cidade:

> *Dois caras mais velhos esperavam por mim. Encontrei-os dentro do metrô, onde os vagões estavam estacionados. Deram-me uma braçada de pôsteres e um pequeno instrumento de metal que parecia um abridor de latas. Subimos todos em um dos vagões estacionados. - Veja como eu faço – disse um dos caras mais velho. Subiu em cima dos assentos sujos, arrancando os velhos pôsteres som seu abridor de latas ao longo do percurso. Então é assim que esses negócios vão parar ali, pensei. As pessoas os colocam ali. Cada pôster era preso por duas tiras de metal que precisavam ser removidas para que um novo pudesse ser colocado. As tiras eram presas com molas e curvas para encaixarem no contorno da parede. Deixaram que eu tentasse. As tiras de metal resistiram aos meus esforços. Não iriam se mover. As pontas afiadas cortavam minhas mãos enquanto eu trabalhava. Comecei a sangrar. Para cada pôster retirado, era preciso colocar outro no lugar. Cada troca levava uma eternidade. Parecia uma atividade sem fim.*[6] *(2007, pg. 35)*

Este exemplo é suficiente para inferirmos que trata-se de um emprego desregulamentado que encaixa-se nas características dos trabalhos informais, onde o empregado recebe o valor de seu trabalho pela diária trabalhada sem qualquer vínculo contratual. Bastante peculiar, também, é o risco para se fazer tal trabalho, na medida em que demanda subir em vagões de trem a uma altura distante do chão sem material de segurança propício para a atividade. Esse risco incide diretamente sobre os condicionamentos mentais dos trabalhadores, exercendo neles uma pressão psicológica que demanda ainda mais esforço humano. Sobre o emprego de colar pôsteres, Chinaski continua:

> *Saí do vagão e comecei a avançar lentamente em direção ao próximo, cuidando onde pisava o abridor de latas numa mão e os pôsteres na outra. Um metrô cheio de passageiros partiu, as luzes iluminado o caminho. O veículo se foi, deixando-me na escuridão total. Não conseguia sequer ver os trilhos e as vigas horizontais. Esperei. Os dois caras mais velhos gritaram lá do outro vagão:- Vamos! Depressa! Temos muito trabalho pela frente!- Esperem! Não vejo nada!- Não temos nenhuma lanterna! Meus olhos*

[6] BUKOWSKI, Charles. Op. cit., p. 35.

> *começavam a se adaptar. Avancei lentamente, passo a passo. Assim que entrei no outro carro, coloquei os pôsteres sobre o chão e me sentei. Minhas pernas estavam bambas. - Qual é o problema? - Não sei. - O que é? - Um homem pode morrer nesse negócio. - Ninguém nunca caiu. - Senti que podia ser o primeiro. - Tudo está na cabeça. - Eu sei. Como faço para dar o fora daqui? - Há uma escada para aqueles lados. Mas você terá que cruzar várias vias, além de cuidar os trens em movimento. - Sim. - E não pise no terceiro trilho. - O que é isso? - É o condutor de força. É um trilho dourado. Parece feito de ouro. Você vai ver.*[7] *(2007, pg.36)*

Colar pôsteres, então, representará um tipo de trabalho exercido por aqueles que não conseguem um emprego com melhores condições estruturais. Terá o papel de empregar pessoas marginalizadas a um sistema de trabalho que lhe garanta boas condições de vida em seu cotidiano. Neste sentido, mesmo os empregos dentro das fábricas norte-americanas apresentarão fortes elementos de desgastes físicos e mentais.

Inúmeros, são os trabalhos informais que Henry Chinaski se emprega no transcorrer da narrativa, porém, todos eles serão descritos pelo personagem como subempregos, justamente pelo seu caráter de opressão sobre quem os exercem. Essa comparação ajuda-nos a elaborar uma associação entre a classe pobre ou marginalizada com tais ofícios. O trabalho como uma representação da vida pessoal assumirá, desta forma, na subjetividade dos personagens aspectos de dureza, opressão, obrigação e condicionamento. Essa apreensão guarda em si outra associação, desta vez com a pesquisa histórica, pois percebermos esses elementos subjetivos pode ser uma chave para entender o imaginário social de categorias subalternas que vivem na sociedade moderna.

O desenvolvimento de sensações indesejáveis pelos personagens durante todo o texto literário demonstra a singular impressão que Charles Bukowski colheu na sociedade em que viveu e se inspirou para criar sua obra. A mediação que o literato faz entre o mundo real e o irreal apresenta-se para nós como um forte indício de que sua ficção é uma possibilidade da realidade. E mesmo não sendo a realidade, (Pesavento 2006), nos fala que:

> *O mundo da ficção literária – este mundo verdadeiro das coisas de mentira – dá acesso para nós historiadores, às sensibilidades e às formas de ver a realidade de um outro tempo, fornecendo pistas e traços daquilo que poderia*

[7] BUKOWSKI, Charles. Op. cit., p. 37.

> *ter sido ou acontecido no passado e que os historiadores buscam. Isto implicaria não mais buscar o fato em si, o documento entendido na sua dimensão tradicional, na sua concretude de 'real acontecido', mas de resgatar possibilidades verossímeis que expressam como as pessoas agiam, pensavam, o que temiam, o que desejavam.*[8]

Assim, o mundo dos trabalhos informais ou de baixa remuneração encontrados na obra Factótum se constituirá em uma representação da vida moderna para as categorias marginalizadas que darão vazão a seus anseios, suas emoções, as dificuldades de sobreviver, seus consentimentos ou desejos de mudança, enfim, tudo que possa caracterizar o olhar que tais categorias manifestarão sobre a sociedade em que vivem. A seguir, uma passagem do livro que, parcialmente, conclui essa análise:

> *Nesses tipos de trabalho o homem cansa. Vai a um estado de exaustão superior à fadiga. Diz coisas loucas e luminosas. Fora de mim, amaldiçoei e disse asneiras e piadas e cantei. O inferno se encheu de gargalhadas. Até mesmo o elfo riu de mim. Trabalhei ali por várias semanas. Chegava sempre bêbado. Não fazia diferença; eu estava no emprego que ninguém queria. Após uma hora em frente ao forno, eu ficava sóbrio. Minhas mãos estavam cheias de bolhas e queimaduras. A cada dia, sentava-me na cama, morrendo de dor, e estourava as bolhas com alfinetes que esterilizava com fósforos. Certa noite estava mais bêbado do que de costume. Recusava-me a alimentar o forno. - Chega – eu lhes disse. O elfo ficou em choque.- Como vamos dar conta do trabalho, Chinaski?- Ah. - Fique conosco só por essa noite!Dei-lhe uma gravata. Suas orelhas ficaram vermelhas. - Seu pequeno verme – eu disse. Então o soltei.*[9] *(2007, pg.38)*

A citação acima além de concluir, mesmo que momentaneamente, nosso estudo sobre a relação das categorias sociais marginalizadas com seus respectivos trabalhos, fornece, também, uma chave para analisarmos, em seguida, a arte de transgredir os valores socialmente definidos como padrões comportamentais da modernidade, que encontramos representada pelo personagem principal em seu local de trabalho ou na esfera do lazer.

Vimos, no exemplo acima, que o grau de dificuldade para se realizar as atividades rotineiras levava o personagem Chinaski a sentir sensações que escapam ao domínio do próprio corpo. Quando se refere a traços de loucura presentes na lida, simbolicamente ele transmite um comportamento que pra ele próprio é indesejável de

---

[8] PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha nova história. Op. cit.

[9] BUKOWSKI, Charles. Op. cit., p. 38.

possuir. Daí, uma explosão de emoções que se sucedem levando-o a abandonar o emprego independente de qualquer circunstância.

Ainda sobre este momento da obra, percebemos que Henry recorre ao trago alcoólico como artifício para suportar seu emprego e sentir-se menos pressionado em fazê-lo. A bebida alcoólica que proporciona efeitos estimulativos faz parte integral da vida do personagem principal, tornando-o um bêbado profissional. Para comprovar isto, são várias as passagens do livro que faz menção ao uso em excesso da bebida por Henry. Entre elas: "Coloquei cinco garrafas de uísque dentro da mala que levei comigo no ônibus. Toda vez que alguém sentava ao meu lado e começava a falar, eu puxava uma das garrafas e dava um longo trago". (BUKOWSKI, 2007)

As formas de prazer, portanto, que serão descritas por Charles Bukowski em seu livro remeterão, diretamente, para o uso e abuso das bebidas alcoólicas, dando ao comportamento ébrio um realce no cotidiano dos personagens. Ao nos depararmos com tal coisa perceberemos que os bares norte-americanos se constituíram em outro espaço de forte participação das categorias marginalizadas. Isso nos revela um segundo componente formador da vida destas categorias.

Cabe, no entanto, destacar que o relacionamento dos grupos marginalizados com os bares e as bebidas obedecem a dois níveis de atuação. O primeiro diz respeito ao plano material. E o outro se concentra no lugar das representações. Faremos uma análise de cada um deles levando-se em conta citações da obra literária em questão.

Quando nos reportamos ao plano material queremos dizer que a formação de um ambiente dedicado ao consumo de bebidas alcoólicas, como é o caso dos bares ou tavernas, imprime na cidade urbana um lugar social diferenciado de outros já existentes. Posteriormente, a visita freqüente dos clientes aos bares forjará em seu interior um tipo de categoria social que se convencionou chamar de boemia. A boemia consiste, portanto, em um grupo de indivíduos reconhecidos pelos citadinos que dedicam parte de seu tempo às tavernas e ao seu principal produto, a bebida. Obviamente, a boemia não será a mesma em todas as sociedades e cidades que a preservem, mas, levará para todas elas um traço de semelhança inesquecível: o consumo da bebida inebriante. No livro

Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo, Benjamin (1989) cita Karl Marx para definir a boemia:

> *As condições de vida desta classe condicionam de antemão todo o seu caráter (...). Sua existência oscilante e, nos pormenores, mais dependente do acaso que da própria atividade, sua vida desregrada, cujas únicas estações fixas são tavernas dos negociantes de vinho – os locais de encontro dos conspiradores - suas relações inevitáveis com toda a sorte de gente equívoca, colocam-nos naquela esfera de vida que, em Paris, é chamada a boêmia.*[10] *(1989)*

Diferentemente do conceito apresentado por Marx, Charles Bukowski não apresenta os bares em seu livro como um ambiente de conspiração política, mas, igualmente criará personagens cujo destino é equívoco e errante. Os bêbados que circulam pela obra literária e que o próprio Henry Chinaski representa nos mostrarão que as relações entre si estão ligadas simplesmente pelo vício e pelas emoções que decorrem dele, e não para conspirar mudanças políticas em curso:

> Tomei um banho e me vesti. Encontrei umas garrafas vazias e descolei uma grana por elas no armazém. Encontrei um bar na Avenida, entrei e pedi um chope. Havia um grande número de bêbados por ali, brincando com a *jukebox*, falando aos gritos e gargalhando. De quando em quando, um novo chope aparecia na minha frente. Alguém estava pagando. Eu bebia. Comecei a falar com as pessoas. Então olhei para o lado de fora. A tarde já tinha caído, estava quase escuro. Os chopes continuavam chegando. A dona do bar, uma gorda, e seu namorado eram simpáticos.
>
> Acabei indo lá fora para lutar com alguém. A luta não foi grande coisa. Os dois estávamos bêbados, e havia várias irregularidades no asfalto, o que dificultava nossos jogos de pernas. Desistimos...[11] (2007, pg.22)

São, então, as emoções proporcionadas pelo vício da bebida que nos permite compreender como os boêmios sentem o mundo em que vivem. A saber, Charles Bukowski concentra a relação de seus personagens com o álcool não apenas no prazer de se degustar o líquido inebriante, mas também por proporcionar uma espécie de fuga às normas sociais modernas. Ou melhor, ao procurarem intensamente o uso da bebida alcoólica estão, ao mesmo tempo, transgredindo valores sociais disseminados pelas instituições que os controlam.

---

[10] BENJAMIN, Walter. Charles Baudelaire: *Um Lírico no Auge do Capitalismo.* Brasiliense: São Paulo, 1989.

[11] BUKOWSKI, Charles. Op. cit., p. 22.

Esta transgressão se dá, ao passo em que tais personagens, motivados pelo consumo da bebida alcoólica, exercem embriagados seus ofícios diários, desrespeitam o horário de trabalho acordado, atrasam o processo de produção das empresas em que trabalham e, principalmente, continuam mantendo vínculo com a ebriedade em tempos de penúria:

> *Quando voltei para Los Angeles, encontrei um hotel barato nas imediações da Hoover Street e fiquei na cama e bebi. Bebi por algum tempo, três ou quatro dias. Não conseguia achar disposição para ler os classificados. A idéia de me sentar diante de um homem e sua mesa e lhe dizer que eu queria um trabalho, que eu tinha as qualificações necessárias, era demais para mim. Francamente, eu estava horrorizado diante da vida, o que um homem precisava fazer para comer, dormir, manter-se vestido. Então fiquei na cama enchendo a cara. Quando você bebia, o mundo continuava lá fora, mas por um momento era como se ele não o trouxesse preso pela garganta.*[12] *(2007, pg.55)*

Desta forma, a narrativa de Charles Bukowski mostra-nos elementos para pensarmos as classes marginalizadas enquanto possibilidades reais em seu trabalho literário. Analisar os diversos momentos do livro significa estabelecer conexões entre o mundo da ficção e o mundo da realidade, fazendo com que o primeiro dê indícios de comportamentos, pensamentos e atitudes que de fato existem numa época. Neste caso, destacamos como os sujeitos marginais são descritos pelo literato norte-americano, observando suas ações na esfera do lazer e do trabalho. Poderíamos buscar a compreensão de outros elementos tão importantes quanto estes para o cotidiano da marginalidade, porém, queremos crer que estas duas esferas apresentadas acima servem, momentaneamente, para começarmos um longo debate sobre o estudo da marginalidade na História e Literatura.

Conclusão

Tentamos perceber como o literato Charles Bukowski constrói espaços e personagens dentro de seu livro que correspondem ao seu contato real com a sociedade

[12] BUKOWSKI, Charles. Op. cit., p. 55.

em que vivia. Sendo, pois, integrante dos tempos modernos, esta sociedade pôde lhe fornecer elementos de criação literária que tem a ver com as características da marginalidade social dentro do processo de industrialização norte-americana, o fim da II Guerra Mundial, e a tentativa de estabelecer dentro desta mesma sociedade padrões de consumo e existência que fundamentassem o desenvolvimento do capitalismo em suas esferas de participação social.

É, pois, que escolhemos as espacialidades do trabalho e do lazer como forma de analisar os personagens marginalizados num sistema que preza por comportamentos normatizados e um regime de trabalho baseado na subordinação aos cargos hierárquicos. Verificamos a partir do estudo de alguns momentos da obra, que estas normas sociais serão transgredidas, mesmo que minimamente, por tais personagens, possibilitando a formação de um modo de vida peculiar por engendrar alternativas que suportem o trabalho árduo ou que afirmem formas de prazer intoleráveis por outros grupos sociais.

Em última análise, evidenciamos que os sujeitos fictícios transcritos por Bukowski expõem dilemas pessoais e coletivos, sentimentos de frustração, alegria, ódio e desespero. Enfim, formas de subjetividade que estão presentes no cotidiano de qualquer individuo. Porém, o que torna sua escrita diferenciada da de muitos outros literatos contemporâneos encontra-se na construção de um elo entre seus personagens e a bebida alcoólica, tornando-a numa personagem coadjuvante responsável pelo destino deles. É a busca pela ebriedade que define o comportamento de Henry Chinaski e seu relacionamento com o mundo em que vive. As sensações que cultiva durante todo o decorrer da narração encontrarão paralelo com outras personagens, estabelecendo entre eles características em comum.

É a apreensão de tais características pelo historiador que poderá levá-lo a esquematizar ou modelar uma identidade heterogênea presente na história da marginalidade. Pensar suas atividades econômicas, seus relacionamentos dentro da cidade e suas representações acerca do universo em que estão inseridos, permitirão aos pesquisadores ampliar o conceito de sujeito histórico, trazendo-o, também, para o lugar do excluídos.

Bibliografia

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política.* Tradução Sergio Paulo Rouanet.4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *Charles Baudelaire: Um Lírico no Auge do Capitalismo.* São Paulo: Brasiliense, 1989.

BUKOWSKI, Charles. *Factótum.* Tradução Pedro Gonzaga. Porto Alegre: L&PM, 2007. (Coleção LP&M Pocket).

_____. *Hollywood.* Tradução Marcos Santarrita. Alegre: L&PM, 2007. (Coleção LP&M Pocket).

CATROGA, Fernando. Teoria das Histórias dos Historiadores. In: *REVISTA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DO DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ.* Vol. 3, n. 6. Fortaleza: Departamento de História da UFC, 2005.

KOTHE, Flávio R. *Para ler Benjamim.* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História e Literatura: uma velha nova história. In: COSTA, Clévia Botelho da, MACHADO, Maria Clara Tomas. (Org.). *História e Literatura: Identidades e Fronteiras.* Uberlândia: EDUFU, 2006.